

A condição de 'bichão da favela' e a busca por 'consideração': Uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar

Leonardo Sá

Professor da UFC

Este trabalho discute a figura do “bichão da favela”, um jovem “maquinado” que, em busca de “consideração”, vivencia ofensas morais e acusações sociais de falta de respeito que resultam em disputas agonísticas e até letais. O trabalho de campo etnográfico foi realizado entre 2009 e 2010, em favelas ao longo da orla de Fortaleza, na zona portuária do Grande Mucuripe, consideradas lugares perigosos, indesejáveis e degradados. São bairros de moradia de redes familiares das camadas populares herdeiros das aldeias de pesca artesanal e de segmentos de estivadores e trabalhadores do mar em geral.

Palavras-chave: bichão da favela, consideração, jovens, conflito

The Status of 'Bichão of the Favela' and the Strive for 'Consideration': Ethnography of Armed Youngsters in Coastal Slums discusses the so-called “bichão”, a youngster who, striving for “consideration”, lives in a world of moral offences and social accusations of lack of respect that result in agonistic and even lethal disputes. The ethnographic field work was conducted between 2009 and 2010 in slums along the coast of Fortaleza, Brazil, in the port zone of Grande Mucuripe, considered dangerous, undesirable and run-down areas, where family networks composed of people originating from the fishing villages, dock workers and sea workers in general live.

Keywords: bichão of the favela, consideration, youths, conflict

Introdução

Este artigo descreve a condição de “bichão da favela”, termo utilizado para demarcar a reputação dos mais temidos nas relações de poder e de violência na comunidade, e discute como as ofensas morais e acusações sociais de falta de respeito entre jovens “maquinados”, aqueles que usam armas de fogo como ferramentas de luta, resultam em disputas agonísticas e letais que se precipitam em suas buscas por signos de “consideração” em meio a outras formas de expressividades simbólicas. A pesquisa partiu de um trabalho de campo etnográfico em favelas à beira-mar, locais de moradia de redes familiares de camadas populares que se espriam

Recebido em: 22/09/2010

Aprovado em: 29/10/2010

ao longo de 40 quilômetros da orla marítima da cidade de Fortaleza, no Ceará. No decurso de dois anos (2009-2010), a investigação concentrou-se, de modo contínuo e intensivo, em lugares considerados perigosos, indesejáveis e degradados localizados na zona portuária do Grande Mucuripe, englobando as fronteiras entre os bairros populares historicamente herdeiros das aldeias de pesca artesanal e de segmentos de estivadores, marítimos e trabalhadores do mar em geral.

Os relatos centram-se nas dinâmicas identitárias do “bichão” a partir das categorizações simbólicas baseadas na experiência de jovens pertencentes a segmentos sociais armados das periferias da Região Metropolitana de Fortaleza. Com isso, discutimos a produção social do jovem assaltante de camadas populares e morador de favelas, cujas imputações de violência e criminalidade são metonimicamente associados a sua atuação violenta nos meios urbanos e, geram estigmas também para seu lugar de moradia, atingindo de modo geral toda a população da comunidade circunvizinha.

Ao descrever como questão central a formação da identidade do “bichão da favela”, a investigação revela um processo de objetivação das relações de poder que produzem uma modalidade de assalto e, por conseguinte, de seu agente, ou seja, um jovem assaltante armado com revólver ou pistola que age sozinho, em dupla ou em pequenos grupos, saqueando pertences e valores mediante ameaça de morte às possíveis vítimas. Buscou-se relatar elementos que permitam a discussão sobre a dimensão moral dessa prática e de seus praticantes. Estes, por serem assaltantes, quase sempre são apresentados socialmente como portadores de algum tipo de incongruência moral grave.

O lócus principal da pesquisa de campo é uma das muitas favelas à beira-mar de Fortaleza, localizada no bairro popular do Serviluz, na Zona Leste da região metropolitana. A área ocupa uma pequena e estreita faixa litorânea de cerca de 3 quilômetros espremida entre o complexo portuário e dois importantes circuitos de turismo, a Praia do Futuro e a Beira-Mar, onde se encontram hotéis, quiosques e restaurantes para visitantes de alto poder aquisitivo. Trata-se de uma população de 35 mil habitantes, distribuídos em pouco mais de cinco mil famílias, que vive em barracos dispostos ao longo da orla e cuja morfologia social oscila em torno das categorizações da favela, comunidade ou bairro popular.

Até a década de 1930, essa faixa de praia era tradicionalmente lugar de trabalho para a organização de pesca artesanal da comunidade local vizinha da enseada do Mucuripe. Com a construção do Porto de Fortaleza, entre 1940 e 1960, a vila de pescadores, um segmento da tradicional aldeia do Mucuripe, recebeu levas de população do interior em busca de oportunidades de trabalho na área portuária da cidade. Ademais, no início dos anos 1960, por ação do poder público municipal, houve uma transferência compulsória para ali de cerca de 1.300 trabalhadoras do sexo de zonas de baixo meretrício, até então espalhadas por outros pontos da cidade, tornando o lugar, por décadas, a principal área de concentração de cabarés, boates e estabelecimentos comerciais do ramo, que funcionavam diuturnamente em torno da exploração sexual de crianças e adolescentes e variadas formas de prostituição.

A partir de 1980, fluxos migratórios provocam a explosão demográfica da cidade de Fortaleza, com um conseqüente adensamento populacional e uma crise de moradia no Serviluz. De 1990 em diante, os jovens da comunidade começam a ser representados midiaticamente de modo sistemático e ininterrupto como possíveis membros de uma das mais temidas gangues juvenis da cidade. A guerra dos jovens do Serviluz passa a causar pânico e medo no local de moradia das famílias de trabalhadores do mar (pescadores, surfistas, portuários, estivadores etc.), afetando de modo duradouro os processos de subjetivação dos coletivos antropológicos da comunidade. Desde então, os governos investiram de modo sucessivo na ocupação policial militar da região, gerando uma espécie de estado de sítio em que tortura, espancamento e extermínio de figuras classificadas como indesejáveis ocorrem no decurso da longa intervenção fortemente centrada em violência policial ilícita e em meios ilegais.

‘Derrubaram um bichão’

Descalço, Marco Antônio passou correndo como um louco, a pistola no cós da bermuda de surfista. Saiu de um beco da favela, em um pulo arrojado de três metros de altura, cortou caminho pela beira da praia, subiu pelas pedras do paredão e adentrou outro beco, no lado mais seguro para ele, perto de sua rua, de sua casa, de sua favela. Havia uma fronteira mágica entre os dois becos, segmentos de territórios em guerra. Muito

sangue já havia sido derramado “na fronteira”. A esquina era ponto de encontro para as rodas de conversação dos jovens e também lugar de uma memória fúnebre que eles compartilhavam por meio de relatos sobre aqueles que haviam tombado sem vida naquele local ou em algum outro próximo dali.

A fuga era resultado de uma terrível perseguição que já perdurava quase a metade da semana. A ansiedade quanto ao desfecho desse evento se expressava coletivamente nos rostos angustiados de amigos, colegas, parentes e moradores da comunidade. Os parentes do outro jovem, a quem Marco havia matado a tiros durante uma cobrança de dívida de drogas, estavam armados até os dentes, querendo fuzilá-lo.

Os policiais militares acompanhavam de longe. Olhavam de lado como se não o vissem passar, sem se envolver diretamente. No entanto, era uma omissão vigilante. Poderiam intervir a qualquer momento na caçada posta em prática pelo irmão do morto, colega de farda que, injuriado, tinha jurado se vingar do assassino. Havia rumores de que um matador da Polícia Militar tinha sido convocado para ajudá-lo a derrubar o “vagabundo”. Quando se associam para perpetrar execuções como essa, os matadores da PM são muito temidos pelos jovens da favela, que expressaram o fatalismo da situação em suas falas. Era difícil escapar de uma caçada como aquela. Ocorrendo mais cedo ou mais tarde, o desfecho era previsível. O “bichão” ia ser derrubado.

Quando Marco Antônio era adolescente, já fazia parte de uma das facções de jovens armados da favela. Realizava assaltos e traficava drogas para sobreviver. Um dia, ficou possesso com a violência do padrasto, que regularmente espancava sua mãe, provocando-lhe sentimentos irreconciliáveis. Não aguentou e tirou a vida do companheiro dela.

Os policiais militares não gostavam dele. Marco já havia trocado tiros com eles, o que consideravam uma afronta inaceitável. Havia aí um sentimento de falta de respeito, avaliação compartilhada por diversos jovens armados que, em geral, buscavam fugir da polícia, mesmo quando com poder de fogo para iniciar um tiroteio. Mas havia exceções. Eumir, por exemplo. O “parceiro” de Marco Antônio em “missões” (assaltos à mão armada) era conhecido por ser um temido matador de policiais. Matar era uma decisão que havia tomado depois que um

policial deu um tapa na cara de sua mãe para que ela confessasse onde estava o “vagabundo do filho dela”. Em um universo em que a imagem do masculino está centrada em um modo de se imaginar “cabra macho”, um tapa na cara de uma mulher, da figura da mãe, não era permitido nem mesmo para um policial. Tudo se tornava pessoal e íntimo. Destilando seu ódio, Eumir atropelou o agressor e passou a ser caçado por isso, mas ainda derrubou outros seis policiais antes de ser preso.

As notícias sobre as torturas sofridas por Eumir fazem parte da agenda das rodas de conversação. Mesmo no presídio, cumprindo pena em regime fechado em uma ala de segurança máxima, ele paga diariamente com o corpo, já quase minguado pela ousadia. Os policiais fazem questão que a notícia corra.

Uma vez preso, Marco Antônio apanhou por si e pelo “comparsa” matador de policiais. As torturas são coextensivas nesse caso. Menos de duas semanas após sua soltura, depois de três anos preso pela morte do padrasto, Marco cometeu um novo assassinato, e não pudemos mais conversar. A proximidade com ele tornou-se perigosa demais. Apenas segui a etiqueta do distanciamento de um bichão envolvido em uma “treta” muito grave. Era a mesma atitude de seu círculo próximo, com quem eu convivía há mais de um ano.

Uma comissão de amigos foi até ele tentar demovê-lo do propósito de continuar a guerra em que se metera. Havia a alternativa da fuga, de ser acolhido por algum parente em algum lugar do interior do estado, clandestino, embrenhado no mato, longe da capital. A comissão voltou pessimista: concluiu que não havia mais o que fazer. O destino de Marco Antônio estava traçado.

Um mês antes da perseguição descrita, ele lanchava em uma bodega da favela, quando dois policiais passaram e o reconheceram de outros tempos, dos tempos dos assaltos e das trocas de tiros com a polícia, e da parceria com Eumir. Os policiais resolveram, então, “dar as boas-vindas para o vagabundo da favela”, como dizem os policiais. Deram-lhe uma surra para “comemorar” sua volta à liberdade e à área.

Foi assim que entendi melhor por que os jovens me diziam que a favela era extensão da prisão e vice-versa: “Aqui é a prisão”. No mesmo dia em que foi recepcionado violentamente pelos policiais, Marco Antônio, seja como forma de

revidu ou para expressar sua raiva, procurou um traficante local, velho conhecido dele, e ofereceu seus serviços. Foi contratado como cobrador de dívidas. Deu tudo errado. Em sua primeira missão, armado com uma pistola de uso exclusivo das Forças Armadas, o jovem discutiu com outro, de quem cobrava o pagamento de dívida e que não gostou da abordagem. Em um beco da favela, Marco Antônio o alvejou com vários tiros, matando-o à queima-roupa. A vítima era irmão de policiais. Foi o estopim para o início da caçada.

Quando Marco Antônio me cumprimentou – ele no meio da rua, eu no primeiro andar do barraco da Matilde, onde conversava com uma turma de jovens do círculo dele, incluindo primos –, fiquei receoso de que houvesse mais um tiroteio e me deitei no chão. Discretamente, os jovens que estavam comigo já tinham feito o mesmo. Eu podia segui-los, agir quase simultaneamente nessa comunicação não verbal e não intencional diante das guerras cotidianas. Percebemos o maior sinal de perigo quando a viatura do Ronda do Quarteirão, programa de policiamento comunitário da Polícia Militar do Ceará, se aproximou. Nela estava a mesma equipe que havia, algumas semanas antes, açoitado com fios de eletricidade outro jovem armado, o Raimundo, também meu interlocutor em campo, para que confessasse um assalto. Pensei que a situação ia ficar complicada, que um tiroteio estava a caminho. Marco Antônio não arredou o pé da pequena calçada de onde me cumprimentara. Estava em franca atitude de desrespeito e de confronto com os policiais militares.

Para surpresa geral, porém, os novatos do Ronda não fizeram a abordagem esperada. Marco Antônio mostrou a pistola na cintura, e eles seguiram em frente para chamar reforços, supostamente com medo do confronto. Agiram com prudência, pois um tiroteio na estreita rua colocaria em risco a vida de muitos moradores. Eram três horas da tarde de domingo.

O grupo de extermínio montado para “apagar” Marco Antônio estava à espreita, buscando seu paradeiro por toda parte. Mas o jovem que nasceu e se criou na favela como “bicho solto” sabia se movimentar muito bem, conhecia o labirinto de becos como a palma de sua mão. Uma mobilização maior de policiais com outras equipes, como o Raio e o Cotam, fizeram o cerco e deram apoio para que a equipe do programa Ronda do Quarteirão o prendesse sem tiroteio. O medo e a prudência juntos garantiram uma prisão sem mortes. No entanto, o advogado

do traficante conseguiu soltá-lo no dia seguinte. A pistola ficou apreendida, mas ele pegou outra, também de uso exclusivo das Forças Armadas, e voltou para a posição de caça e caçador, pois tentava matar seu oponente enquanto tentavam exterminá-lo.

Aquela perseguição estava deixando todo mundo cansado. Para os moradores, observar a movimentação e participar do iminente extermínio era muito estressante, uma cena várias vezes repetida. Um tiroteio poderia ocorrer a qualquer momento, e uma bala perdida acabar ferindo ou matando quem não tinha nada a ver com a história, como sempre acontecia. Muitos jovens estavam manifestando ansiedade por um breve desfecho. Um primo de Marco Antônio me revelou que a família já tinha perdido as esperanças e que queria que tudo terminasse logo, ou seja, já dava como certa a morte do parente. Ele era um morto-vivo, era o que todo mundo dizia. Ele sabia disso e agia com total liberdade. Nunca vi um sujeito tão livre pouco antes de morrer. Parecia sorrir da própria morte. Não pertencia mais a este mundo.

Em poucos dias, o primo me telefonou para avisar: “Derrubaram o Marco Antônio, com 11 tiros”. Ele tinha 20 anos. O velório foi pungente. Conversar e conviver com um bichão, se aproximar dele e frequentar sua casa é um modo de se envolver também. É um devir envolvido. Parente, amigo ou colega - pode-se pagar o preço pela ousadia de querer andar com seres condenados.

Nesse sentido, velórios de bichões são fontes de insegurança, devido à ameaça de invasão por parte dos inimigos. Quando um membro de uma gangue rival é abatido, além da comemoração, que se estende com festas, queimas de fogos de artifício e recados pichados nas paredes da favela, há ainda o risco de que perturbem o velório. Os matadores, ainda inflamados pela recente façanha, sentem-se motivados a “matar de novo” a figura do morto. Os familiares precisam se proteger. E precisam proteger o local do velório. Enquanto as mulheres rezam, choram, pranteiam e praguejam contra os inimigos, os homens se armam, com a ajuda dos membros da gangue do morto, para proteger as cercanias e também garantir que o cortejo fúnebre possa sair da favela. O clima é tenso. A polícia fica de prontidão e também muito tensa. Uma nova tragédia pode acontecer. A invasão de um velório para atirar no corpo do morto, derrubar o caixão no chão ou ainda para matar outro inimigo presente é uma possibilidade concreta. A família de Marco Antônio sabia disso; a comunidade também; a polícia igualmente.

Pode-se dizer que o luto sob ameaça de invasão reforça a condição de marginalidade da vítima. Não há respeito, “consideração” pela família enlutada, pois não a deixam velar seu morto em paz. O corpo do morto precisa ser trucidado. Em todo velório de “envolvido”, corre-se o risco de o grupo de matadores inimigos da vítima invadir a residência para “matar o morto” pela terceira vez: a primeira vez é a inclusão de seu nome na listagem de quem mereceria ser exterminado, uma morte simbólica, anunciada; a segunda, o extermínio físico que completa o homicídio ritualizado pelas facções rivais; e a terceira é o canibalismo simbólico, o querer devorar o corpo do outro em seu velório.

As narrativas e a observação dos velórios das vítimas das guerras entre gangues nos remetem, portanto, aos fenômenos do homicídio ritual e do canibalismo simbólico, em um contexto pós-tradicional da forma social Estado-favela, um problema ainda a ser deslindado.

O ‘playboy’ como figura de alteridade

O “playboy”, o favelado e a consideração formam um intrincado triângulo de relações de poder. Playboy é uma pessoa que presumidamente tem facilidades na vida, abocanha todas as oportunidades do sistema, pode realizar tudo o que deseja, tudo o que tem vontade de fazer. No imaginário da favela, ele é justamente a figura de qualificação da ordem excludente da cidade. Ama-se o playboy; odeia-se o playboy. Há uma situação de duplo vínculo, nesse contexto de amor e de ódio a essa forma de alteridade.

A construção dessa alteridade discursiva a partir da categoria playboy aponta para um terceiro termo que acaba ficando escondido, o “playboy da favela”. Não fica muito claro quem é o outro do playboy. Quando os jovens da favela o nomeiam, a referenciação do ato de fala é a oposição com o jovem da favela, embora nem sempre o playboy seja alguém de fora. Existe certa intimidade entre o playboy e a favela. Há, inclusive, um caso interessantíssimo do ponto de vista analítico: o do playboy da favela, ou seja, o jovem que é reconhecido pelos outros jovens da favela como alguém que quer ser playboy, ou, como os jovens falam enfaticamente em tom de reprovação, que “só quer ser playboy”. A figura funciona, portanto, como a fantasia da favela. Ela é da

ordem do desejo. Parece ser uma modalidade de subjetivação de relações centradas na desvalorização dessas mesmas relações e no reforço do ponto de vista do individualismo do sujeito, e nas capitalizações individuais de sobreposição das relações sociais por excelência, que são as de consideração e respeito.

O playboy é uma figura desejada. Ama-se no playboy sua liberdade negativa, ou seja, sua capacidade de consumo, de deslocamento pela cidade, pelas praias, em viagens. A corporalidade do playboy acaba sendo objeto de um canibalismo simbólico de suas qualidades, o que explica os atos de predação do ser playboy. Come-se o playboy de diversos modos. Come-se o playboy pela prestação de serviços sexuais (Ele come e é comido), pela cobrança de pedágios recorrentes... Enfim, o sentido de “comer o playboy” assemelha-se, na linguagem da favela, ao ato de “comer uma ponta”, ou seja, a propina cobrada de traficantes por policiais e outros agentes do estatismo. Todavia, não se fala diretamente em comer o playboy.

Ao chegar à favela, o playboy é admitido por ser, quase sempre, levado por outro, já frequentador e usuário do circuito de drogas e prostituição ou de atividades esportivas. A entrada na favela exige essa relação de conhecimento. Entrar na favela sem ter nenhum conhecimento, nenhum conhecido, nenhum amigo, nenhuma referência pessoal de identificação com o lugar, rotula a pessoa como “otário”. O otário é a vítima em potencial. É a pessoa que funciona como isca, como alvo preferencial das ações de predação dos “vagabundos”, “pilantras” e “assaltantes” locais.

Pode-se observar uma rivalidade velada entre o modo de subjetivação do playboy, supostamente livre da miséria e da pobreza que limitam e condicionam a existência dos jovens da favela de modo atroz, e o modo de des-subjetivação (objetivação) que ele representa por conta da perda de laços sociais baseados em consideração e respeito.

Se o playboy entra na favela sem ser local, “na consideração”, estabelecendo uma marcação de lugar, de pertencimento, ele pode ter sucesso em se tornar um frequentador. Existem versões distintas para esse procedimento de entrada, envolvendo a consideração. A mais pragmática prevê que, ao entrar pela primeira vez na favela, o playboy será abordado por jovens de lá. A atitude do playboy é objeto de intensa avaliação nesse momento. Se o playboy negar um real, um tro-

cado, propositalmente pedido pelo jovem da favela, sua presença pode se tornar indesejável. O pedágio é um pagamento para a concretização de uma relação que se inicia sendo uma não relação. Afinal, a relação do “mundo de lá” da cidade com o “mundo de cá” da favela é baseada em uma contínua e sistemática quebra de relações. O que se espera do mundo de lá? Espera-se o otário, o marrento, o escárnio, a humilhação, entre outras imagens de alteridade negativa.

A ordem da cidade, em aliança com a ordem estatal, age como força de constrangimento cotidiano para os jovens da favela. Essa ordem, em que a partilha de poder é negada ou oferecida de modo restrito e quase sempre subalterno, faz com que os habitantes da cidade que não são das periferias sejam vistos, percebidos e avaliados como ameaças, como inimigos, exceto quando possuem relações pessoais de dívida e de contraprestação com habitantes das favelas.

O playboy é tido como um provedor de bens. Se, por um lado, ele leva uma vida de facilidades, é justamente essa característica de acesso supostamente ilimitado aos bens que falta aos jovens da favela, e que faz do playboy o provedor por excelência: roupas (“panos”), pranchas de surfe, relógios e outros bens de natureza variada. As roupas funcionam como principal moeda de troca nessas relações sociais marcadas pelo tempo do estigma, da não troca e da inveja. O playboy é invejado, mas também é levado a sentir inveja da vida na favela. Se ele não a sente ou não demonstra senti-la, o que estaria ele fazendo ali? Seria o caso de fazer como a grande maioria dos playboys, que adota uma postura de evitação, de estigmatização, de distância e de paz armada com os habitantes das favelas.

Tornar-se ‘bichão’

“Bichão” é uma categorização simbólica sobre as fronteiras do humano e do não humano nas dinâmicas identitárias da violência entre jovens envolvidos em guerras intestinas em uma das favelas de Fortaleza. Para se tornar bichão, o jovem da favela é, segundo sua perspectiva e condição, “criado como bicho solto”, cresce na chamada “bagaceira”, termo reapropriado do mundo rural da cana-de-açúcar, do bagaço, para representar o que não serve mais, o que é descartável, o lixo.

Ao aprender a viver a partir das regras do denominado “mundão”, que envolve drogas, prostituição e criminalidade, os jovens alertam, em suas narrativas de constituição do *self*, que o “metido a bichão” (recém-ingresso no processo de identificação com essa condição) é sempre o primeiro a morrer, mas também é aquele que goza de alguma consideração durante certo período da vida, o que parece ser um bem pessoal precioso para jovens destituídos de direitos e enredados, de modo quase permanente, em processos de produção social de indiferença. É como se uma experiência temporal intensiva por meio do devir bichão, qual um processo de aquisição de respeito pela força, respaldasse imaginariamente algumas garantias mínimas de formação do eu.

O bichão é a forma simbólica extremada da “vida louca”, e, portanto, do bicho louco que encarna a atitude guerreira na sua versão autodestrutiva e na versão heroica, que convergem. Há uma disputa moral que sempre envolve o risco de uma moralização do problema. Afinal, identidades que se estabelecem nas dinâmicas socioculturais da violência urbana representam duradouras fontes de estigmatização para os atores sociais sob foco. São as imputações de violência que se assimilam às práticas corporais e mentais dos atores como se deles fizessem parte de modo natural, ontológico. A principal motivação das guerras, segundo os envolvidos, é a falta de “consideração”, o modo desrespeitoso com que se realiza a relação social com a alteridade inimiga, provocando ondas de homicídios rituais e de vinganças “por nada”.

Quando os jovens envolvidos atuam para fora da comunidade local, como assaltantes na cidade, suas narrativas revelam uma série de ofensas morais, sofridas por eles e suas famílias, que, em sua avaliação, têm uma carga agressiva superior à ofensa provocada contra as vítimas de seus crimes. Tudo se passa como se o inimigo deixasse de ser um deles, sendo humanamente desqualificado. E então o playboy encarnasse o inimigo externo, figura que simultaneamente acalenta e provoca a busca por sentido das ações simbólicas dos jovens guerreiros da favela e expõe a fragilidade de seu núcleo de poder, pois “comer o playboy”, adotar a moralidade dele, passa a ser um ato de busca por aceitação social mais ampla, um ato quase sempre frustrado, pois o “playboy da favela” não consegue se livrar do atributo da favela no seu modo de ser playboy.

Há um complexo jogo de alteridade na produção social do inimigo interno e do inimigo externo que gira em torno das fronteiras da moralidade pública das rodas de conversação dos circuitos de jovens, assentadas nas bases simbólicas do tema do respeito e da consideração. Os modos de pensar, as formas de organização e as modalidades de interação dos jovens envolvidos se confrontam com aqueles do universo mais amplo dos jovens da favela. Entre indiferença e distinção, as categorizações cotidianas sobre quem está do lado errado e quem está do lado certo imprimem um caráter de discussão pública às microrredes de jovens que parecem inaugurar uma instância que, sociologicamente, chamamos de formação de opinião pública ou de esfera pública, mesmo que em caráter popular, subalterno e não hegemônico. Os debates ocorrem no cotidiano da favela para avaliar a moralidade dos jovens que estão de um lado e de outro da fronteira que separa a vida do cidadão da vida no crime. Os jovens da favela pensam sobre si mesmos nessa sua sociedade da esquina.

É como se a dimensão moral da produção social do assaltante que emerge do jovem guerreiro na passagem de sujeito ofendido para sujeito ofensor no contexto de interação com os inimigos externos, percebidos sob a figura de alteridade do *playboy*, associado às camadas médias e médias altas do espaço urbano, estivesse no papel de articulação das posturas corporais e identitárias ligadas ao estatuto do “bichão”. Nesse processo social, a economia simbólica do bichão, ou seja, do jovem temido na e pela população local e admirado por crianças e adolescentes, produz seus próprios ganhos para a política de reputação e má reputação, decisiva para as alianças e as guerras entre facções armadas e contra segmentos policiais inimigos no “mundão”. O assaltante parece funcionar como a faceta objetivada e fria da adrenalina que corre na constituição do corpo de um bichão.

Considerações finais

Este artigo aponta para a construção de uma leitura sobre as dinâmicas identitárias das formas de subjetivação das relações sociais entre os jovens da favela, em suas formas plurais e andróginas. Ele trata dos modos coletivos e singulares de personificação e incorporação das relações sociais no contexto de ação coletiva dos jovens guerreiros do *Serviluz*, “envolvidos” ou não, a fim de problematizar a emergência de sujeitos assujeitados que resistem por meio da aplicação de sistemas locais de delimitação aos recortes de poder da vida estatal favelada.

A trama da narrativa etnográfica girou em torno de uma das personagens mais temidas, que geram mais medo e pânico social nas metrópoles, a personagem do assaltante à mão armada. Ele é tão odioso para o Estado e odiado pela vítima, que mal se adivinha que, no bojo de sua produção social, existe um processo de subjetivação escondido, uma vida infame entrecortada de sujeições e fugas espetaculares dos aprisionamentos sociais que cercam, de modo tenso e inelutável, a vida dos bandidos provenientes das classes populares. As ilegalidades das famílias bandidas ou das famílias dos bandidos das classes populares não ganham notoriedade social, exceto no momento da captura, da morte ou do fracasso.

A hipótese etnográfica que anima este trabalho passa pela observação do fato de que, em muitos casos, a ofensa moral difusa praticada pela “sociedade” contra a família do assaltante é imaginada pela figura subjetiva que pratica o assalto por trás da arma como algo de maior relevo e letalidade simbólica do que a ofensa criminal promovida por ele à vítima do crime, sendo ele, então, simbolicamente representado pelo poder do Estado como alguém antissocial. O assalto pode funcionar como uma vingança ritual realizada em nome de uma família socialmente ofendida e desestruturada em sua dignidade tradicional. Há um canibalismo simbólico nesse processo que reverbera nas tentativas de “morte do morto” nos velórios que consomem o homicídio ritual na favela.

Os homicídios decorrentes de ímpeto assaltante parecem se aproximar muito de uma modalidade de homicídio ritual em que a vítima é sacrificada para que o ódio social seja lavado com sangue, ou seja, para pagar a dívida presumida por parte do todo para com uma de suas partes. E aí percebemos uma dimensão metonímica dessa violência armada.

O assalto e, em especial, o latrocínio parecem querer dizer algo sobre a economia simbólica da violência em sociedades de fortes desigualdades de poder, recursos e oportunidades de expressão para vidas que se possam considerar significativas. Esse tipo de crime parece também ter algo a dizer sobre o modo como as nações modernas foram imaginadas, como comunidades de famílias coirmãs.

Notamos também uma dimensão metafórica de nação: a da família. As famílias socialmente rejeitadas, indesejáveis, são como que parentes excluídos do direito a garantias constitucionais (direitos fundamentais e direitos humanos). A parentela é negada como a parte não desejada da nação. Pobres, pretos, índios, a ralé, o povão, aquilo em relação a que se mantêm relações de evitação, de desprezo, de agressividade e um sentimento rotundo de desconfiança e medo. São, enfim, as famílias faveladas, com quem as dos setores médios têm pavor de se “misturar”.

Nesse modelo em que sugerimos o bichão como assaltante, ele aparece como um litigante contra o Estado. É violento, para redobrar o peso de uma violência espoliadora dos direitos arcaicos da pessoa e das famílias tradicionais, expropriadas das terras comuns pela expansão dos mercados capitalistas, principalmente o mercado imobiliário. Há algo de camponês (as famílias do bichão são de migração recente e de origem social na agricultura e na pesca) nessa revolta armada contra o poder do Estado que deslegitima qualquer modelo que não seja o da família nuclear de classe média com seu poder de consumo e sua capacidade de abstração de laços coletivos concretos.

O risco de perder a moral, de perder a consideração que se ganhou no mundão é o maior temor para quem quer ser reconhecido como bichão. Ser “considerado” é quase um valor absoluto em um lugar onde ninguém é “considerado” por ninguém. A pessoa boa é “guerreira”. A ruim é “pano de chão da polícia”. Um indivíduo pode ser malandro, ladrão e maconheiro e se achar considerado pelas amizades do mundão, mas desconhecer que são desconsiderados pelas “pessoas boas” da comunidade. Falar mais alto no mundão é uma atitude que leva à morte. O mundão é o sistema da droga, da prostituição e da criminalidade. Para sobreviver nele, é preciso aprender a falar corretamente, sem querer ser mais do que outros, pois, se não, é “treta na certa”, vira motivo para guerra.

O maior perigo da análise etnográfica proposta por este artigo é a mistificação da figura do bichão assaltante como um tipo de bandido social. Seu discurso não anula o caráter heurístico dessa hipótese, apesar de não a evidenciar em todas suas consequências. É uma trilha em aberto que requer novas incursões e avaliações do material da pesquisa.

Referências

- AUSTIN, John. (1990), Quando dizer é fazer: Palavras e ação. Porto Alegre, Artes Médicas.
- BAILEY, Frederick Georg. (1971), "Gifts and Poison". Em: Gifts and Poison: The Politics of Reputation. Oxford, Basil Blackwell.
- BARREIRA, César. (2008), Cotidiano despedaçado: Cenas de uma violência difusa. Fortaleza/Brasília/Campinas, Funcap/CNPq-Pronex/Pontes.
- BOURDIEU, Pierre. (1965), "O sentimento da honra na sociedade cabila". Em: PERISTIANY, Jojn G. Honra e vergonha: Valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____. (1996), "Marginália: Algumas notas adicionais sobre o dom". *Mana*, Vol. 2, nº 2, pp. 7-20.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. (2002), A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo, Cosac Naify.
- CLASTRES, Pierre. (2003), A sociedade contra o Estado. São Paulo, Cosac Naify.
- CRAPANZANO, Vincent. (2005), "Horizontes imaginativos e o aquém e além". *Revista de Antropologia da USP*, Vol. 48, nº 1.
- DAS, Veena. (1999), Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: Alguns temas wittgensteinianos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 14, nº 40, pp. 31-42.
- DERRIDA, Jacques. (2007), Força de lei. São Paulo, Martins Fontes.
- ELIAS, Norbert. (1997), Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. [e] SCOTSON, John. (2000), Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

- FAUSTO, Carlos. (2001), *Inimigos fiéis: História, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo, Edusp.
- FOUCAULT, Michel. (2008), *Segurança, território, população: Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo, Martins Fontes.
- GOLDMAN, Marcio. (2003), *Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*. *Revista de Antropologia da USP*, Vol. 46, nº 2.
- _____. (2006), *Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica*. *Etnográfica*, Vol. 10, nº 1, pp. 161-173.
- GUPTA, Akhil [e] FERGUSON, James. (1997), *Discipline and Practice: 'The Field' as Site, Method, and Location in Anthropology*. Em: *Anthropological Locations*. Berkeley, University of California Press.
- LUTZ, Catherine [e] WHITE, Geoffrey M. (1986), "The Anthropology of Emotions". *Annual Review of Anthropology*, nº 15, pp. 405-436.
- MAGNANI, Guilherme. (2008), "Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na metrópole". Em: MAGNANI, Guilherme [e] TORRES, Lilian (orgs). *Na metrópole: Textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp.
- MISSE, Michel (org). (2008), *Acusados e acusadores: Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações*. Rio de Janeiro, Revan.
- NOGUEIRA, André Aguiar. (2006), *Fogo, vento, terra e mar: Migrações, natureza e cultura popular no bairro Serviluz em Fortaleza (1960-2006)*. Dissertação (mestrado). PUC-São Paulo.
- PAIS, José Machado. (2003), *Vida cotidiana: Enigmas e revelações*. São Paulo, Cortez.
- _____. (2006), "Buscas de si: Expressividades e identidades juvenis". Em: ALMEIDA, Maria Isabel [e] EUGENIO, Fernanda (orgs). *Culturas jovens*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

- SÁ, Leonardo Damasceno de. (2009), “Reflexões sobre o trabalho de campo como empreendimento micropolítico”. Em: MENDONÇA FILHO, Manoel [e] NOBRE, Maria Teresa (orgs). Política e afetividade. Salvador/São Cristóvão, Edufba/Edufs.
- _____. (2010), Guerra, mundão e consideração: Uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará.
- _____. [e] BARREIRA César *et alii*. (1999), Ligado na galera: Juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza. Brasília, Unesco.
- SANTOS, José Tavares dos. (2009), Violências e conflitualidades. Porto Alegre, Tomo Editorial.
- SERRES, Michel. (2001), Os cinco sentidos. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- STRATHERN, Marilyn. (2006), O gênero da dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas, Editora Unicamp.
- WHYTE, William. (2005), Sociedade de esquina. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.